

## COMENTÁRIOS SOBRE COLUMBUS RUNS AGROUND: CHRISTMAS EVE, 1942 (STEPHEN GREENBLATT)\*

*Ilana Blaj\*\**

O texto do prof. Stephen Greenblatt, por ser extremamente rico e denso, nos coloca uma série de questões para a reflexão. Seleccionarei aqui alguns pontos de ordem teórico-metodológica e outros que se referem à análise histórica propriamente dita para começarmos o debate.

O senhor inicia sua exposição contrapondo duas correntes conhecidas hoje como a "visão do vencedor" e a "visão dos vencidos". Felizmente este tipo de abordagem já ultrapassou, em nossos dias, seu esquematismo inicial onde cada um destes polos era visto como um polo estanque e necessariamente contraposto ao outro que seria sua antítese. Assim, ao conquistador tirânico, sanguinário e mercantil por excelência teríamos o indígena obediente, dócil, e inocente; ou, em outro extremo: ao europeu cristão que viria, em missão histórica, salvar o habitante da terra das trevas do paganismo e trazer a civilização às Américas se oporia o indígena canibal, violento e bárbaro. Como o senhor aponta: hoje, tanto os índios quanto os europeus ganharam densidade histórica, não sendo mais tratados de forma monolítica, como alegorias. Os europeus são compreendidos em sua angústia onde debatem-se com valores que não manipulam mais de forma segura e; em relação ao indígena, há toda uma preocupação em identificar, em reconhecer suas histórias alternativas, seus relatos diferenciados, suas vozes abafadas<sup>1</sup>.

Mas, há outras tendências expressas em seu texto pelas posições de Inga Clendinnen onde se aponta a impossibilidade da compreensão, onde se acentua a opacidade do outro apesar do desejo comum de tornar legível a

---

\* Debate presidido por José Carlos Sebe Bom Meihy ocorrido em 30/03/92, no Anfiteatro do Depto de História/USP com a participação do Prof. João Alexandre Barbosa e da Prof<sup>a</sup>. Ilana Blaj como comentadores.

\*\* Professora do Departamento de História da USP.

1 GREENBLATT, Stephen, *Columbus runs aground: Christmas Eve, 1942*, texto inédito, pgs. 2, 3 e 4.

história na qual tanto conquistadores quanto conquistados foram mergulhados. A referida autora chega a questionar o próprio papel do historiador que teria a compulsão de modelar uma narrativa coerente, e portanto autoritária, a partir dos fragmentos, dos emaranhados do passado.

Este breve retratar de algumas tendências da historiografia contemporânea acerca dos descobrimentos e da própria conquista nos coloca vários problemas. No limite, o que Inga Clendinnen aponta é a impossibilidade do conhecimento histórico e portanto da própria História. Ora, o trabalho do historiador bem como dos cientistas sociais é o de tentar busca o concreto possível dentro do próprio fluir da história pois é no concreto enquanto processo social que se pode detectar os vários dinamismos possíveis. É este o debate que envolve a "compreensão histórica" (*verstehen*) e que significa um determinado tipo de conhecimento que é sempre relativo em aproximação ao objeto, sendo relativo por ser parcial, pois não pretende encontrar a permanência, a verdade absoluta e sim buscar uma ponte possível entre a fluidez do objeto e do próprio sujeito do conhecimento. É dentro deste relativismo, por exemplo, que podemos compreender o conceito de Pierre Clastres do "ser guerreiro" como um conceito que busca a compreensão das tribos indígenas americanas contrapostas a ética do "ser trabalhador"<sup>2</sup>. Este conhecimento seria possível na acepção de Inga Clenddinnen? Como o senhor se situa perante este debate? Digo isto porque em outro artigo de sua autoria<sup>3</sup> o senhor afirma que "... se somos assim forçados a abandonar o sonho da onipotência linguística, a fantasia de que compreender o discurso é compreender o evento, não somos ao mesmo tempo compelidos a, ou sequer nos é permitido, descartar completamente as palavras... Além disso, se certos aspectos cruciais do encontro europeu com o Novo Mundo estão além das palavras (e além da compreensão de qualquer dos participantes), os próprios europeus se esforçaram para colocar o máximo possível de sua experiência sob o controle do discurso. Como poderiam eles – ou, no que diz respeito a isto, como poderíamos nós – agir de outra maneira? E não é apenas como uma tentativa fútil de compreender o inimaginável que este discurso pode interessar-nos, mas também como um instrumento e como um fim de império". Poderíamos, a partir daí, inferir que a única possibilidade de compreensão,

---

2 CLASTRES, Pierre. "Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas", in *Arqueologia da violência – ensaios de antropologia política*, SP, Brasiliense, 1982.

3 GREENBLATT, Stephen. "Maravilhosas Possessões", in *Estudos Históricos 3. Memória*, R.J., vol. 2, n° 3, 1989, p. 48.

por mais precária que fosse, se daria através da análise do discurso? Seria este o papel da literatura e da crítica literária para a História?

Ainda sobre a questão da "visão do vencedor" em contraposição à "visão do vencido", ou da compreensão do um pelo outro<sup>4</sup>: parece-me que, a partir do momento em que indígenas e europeus entram em contato, há toda uma relação dialética de afirmação e de transformação tanto a nível do real como a nível do discurso, onde europeus e indígenas, conquistadores e conquistados já não são mais os mesmos. São diferentes formas de inteligência que levam a múltiplas estratégias e inclusive a modificações na forma de enxergar o outro. Gabriel Soares de Sousa relata um caso ocorrido na Bahia na segunda metade do século XVI onde os indígenas, que antes permutavam com os portugueses fornecendo-lhes alimentos, levantam-se contra o invasor sitiando-o em suas fortificações. Após uma semana de lutas os portugueses resolvem abandonar o local premidos pela falta de comida mas os índios convencem-nos a voltar prometendo paz e arrependendo-se de suas ações, alegando inclusive sentir falta das mercadorias que lhes eram dadas via escambo; quando os portugueses voltam são novamente atacados e praticamente todos foram mortos pelos indígenas inclusive o donatário<sup>5</sup>. Este relato revela toda uma estratégia por parte dos indígenas a partir de sua maneira de ver e de compreender o elemento europeu. Não seria o caso então de ao invés de se exacerbar o relativismo cultural adotar-se uma postura multiculturalista, como propõe Garry Wills em sua resenha no *The New York Review*?<sup>6</sup>

Aliás, como o senhor analisa neste texto e em seu artigo já citado<sup>7</sup>, o próprio Colombo teria modificado sua visão em relação ao índio principalmente em sua terceira viagem; a passagem de uma edenização a uma espécie de detração do indígena não seria fruto desta relação dialética onde ambos os agentes se modificam e se transformam constantemente? Nos relatos dos cronistas coloniais portugueses a detração do indígena geralmente ocorre em relação às tribos que mais hostis se mostraram à própria conquista. Assim,

---

4 Estou aqui me referindo à análise de Tzvetan Todorov, *A conquista da América – a questão do outro*, SP, Martins Fontes, 1983.

5 SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, 5ª ed., SP, Companhia Editora Nacional; Brasília, INL, 1987, p.73 e 74. O caso é também analisado por Alexander Marchant, *Do Escambo à Escravidão*, 2ª ed., SP, Companhia Editora Nacional, Brasília, INL, 1980.

6 WILLS, Garry. "Man of the year", in *The New York Review*, November, 21, 1991, p. 18.

7 Quanto à edenização do indígena ver Stephen Greenblatt, "Columbus rus aground", *op. cit.*, p. 20 e 21; em relação à detração, em sua terceira viagem, ver do mesmo autor, "Maravilhosas possessões", *op. cit.*, p. 49.

Gabriel Soares de Sousa louva os tupiniquins mas demoniza os aimorés<sup>8</sup>; Gandavo também detrata os aimorés ressaltando sua humanidade inviável, praticamente justificando a escravização do gentio da terra<sup>9</sup>. Como o senhor vê, no âmbito do maravilhoso, a detração? Ela se daria de forma mais freqüente quando há a descoberta das riquezas coloniais e a efetivação da colonização, ou ela já seria intrínseca à própria conquista?

Em outra parte deste texto, o senhor se propõe a resumir os princípios que caracterizam os mais recentes estudos dos acadêmicos sobre o Novo Mundo principalmente no que tange a análise textual; opacidade e complexidade textuais, a busca da textualidade do outro e o questionamento da autoridade do texto são os pontos que o senhor analisa.

O reconhecimento tanto da opacidade quanto da complexidade textual são por si só positivos pois levam, a meu ver, a uma relativização do conquistador europeu, e a uma necessidade de situá-lo em sua época, de perscrutar os seus valores, suas referências, enfim, de entendê-lo na sua própria situação histórica a qual, por sua vez, expressa, como o senhor muito bem coloca, "trajetórias de longa duração, necessidades materiais, estruturas sociais, padrões duradouros e muitas vezes inconscientes de desejos e de coerções"<sup>10</sup>. Ora, no bojo dos estudos atuais sobre Colombo não haveria, a seu ver, a necessidade de inserí-lo em seu próprio complexo social, o que representaria uma maneira de fugirmos das imagens cristalizadas sobre ele – herói ou tirano?<sup>11</sup> Aliás como o senhor vê os estudos mais recentes sobre Colombo?

Quanto à convergência assimétrica das situações históricas que norteiam as tentativas de compreensão cultural entre indígenas e europeus, não seria este o local privilegiado da História Social que, como diz Albert Soboul, só atinge a sua dimensão e seu sentido se levar a uma história da psicologia coletiva, se penetrar nas mentalidades próprias a cada grupo social. Ainda segundo o referido autor, a História Social tem que constantemente recorrer aos três níveis do tempo histórico: tempo breve, tempo cíclico

---

8 SOUSA, Gabriel Soares de. *op. cit.*, p. 87-88 e 78-80; a respeito da edenização veja-se Laura de Mello e Souza, *O Diabo e a terra de Santa Cruz*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, parte I.

9 GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil: História da Província Santa Cruz*, BH., ed. Itatiaia; SP, Edusp, 1980, p. 34-35; 52-58.

10 GREENBLATT, Stephen. "Columbus runs aground: Christmas eve, 1492", *op. cit.*, p. 8.

11 "...recolocar Colombo no seu pleno contexto histórico é um trabalho acadêmico já muito postergado", Garry Wills, *op. cit.*, p. 14.

e a longa duração pois só assim consegue chegar nas mentalidades e nas estruturas, articulando indivíduos e grupos, o social e o individual<sup>12</sup>. Conforme diz Ernest Labrousse: "O concreto colectivo, em graus diferentes é um concreto social. E encontramos aqui o social no centro, com todo o seu peso"<sup>13</sup>.

Ainda quanto à opacidade e a complexidade textual: se é praticamente impossível a compreensão do um pela visão do outro apreende-se, no entanto, a meu ver, através dos relatos coevos, não tanto o que ocorreu mas o que o relator gostaria que tivesse ocorrido, os seus anseios, suas tensões, seus desejos, o que gostaria que tivesse sido<sup>14</sup>. A recepção que as diversas tribos indígenas dão ao padre Fernão Cardim nos vários locais que visitou<sup>15</sup> provavelmente não é tão efusiva e alegre como o jesuíta relata mas, seguramente, é a recepção que ele gostaria de ter tido. Afinal, o plano dos desejos e das utopias também não é o plano da História?

Na questão da busca da textualidade do outro o senhor concorda com Michel de Certeau quando este afirma que a operação da escrita está articulada ao rumor de palavras que desapareceram tão logo foram murmuradas e que estão, portanto, perdidas para sempre<sup>16</sup>.

Mas, não é também próprio do ofício do historiador a busca de pistas, sinais, indícios, um trabalho quase que de detetive que corporificaria o que Carlo Ginzburg denomina de "paradigma indiciário"?<sup>17</sup>. Muito antes Sérgio Buarque de Holanda já trabalhara magistralmente com indícios em Caminhos e Fronteiras onde, por exemplo, a partir do arrancar de sombrancelhas e pestanas de algumas tribos o autor chega na importância para os aborígenes e paulistas da cera e do mel<sup>18</sup>. Este eminente historiador lida nesta obra, constantemente, com sinais, pistas e indícios do fazer e refazer cotidiano para dar conta da oposição entre astúcia e poder, do tenso processo de assimilação

12 SOBOUL, Albert. "Descrição e medida em História Social", in vários autores, *A História Social - problemas, fontes e métodos*, Lisboa, Edições Cosmos, 1973, p. 40-41.

13 LABROUSSE, Ernest. "Introdução à obra A História Social - problemas, fontes e métodos", *op. cit.*, p. 22.

14 A este respeito veja-se a introdução de Nicolau Sevcenko em seu livro *Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, SP, ed. Brasiliense, 1983.

15 CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*, BH., ed. Itatiaia; SP, Edusp, 1980, p. 145-153.

16 GREENBLATT, Stephen, "Columbus runs aground: Christmas eve, 1492", *op. cit.*, p. 13.

17 GINZBURG, Carlo, "Sinais: raízes de um paradigma indiciário", in *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História*. SP., Companhia das Letras, 1989.

18 HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Caminhos e Fronteiras*, RJ., José Olympio ed., 1957.

onde a astúcia do indígena é transferida e introjetada no sertanejo, astúcia vital para a própria fixação e expansão. Repito a questão: trabalhar com fragmentos, com vozes distantes, com pistas, indícios e sinais não é o próprio ofício do historiador?

Em sua análise do discurso de Colombo o senhor observa o que denomina de uma união peculiar entre piedade e cobiça, entre o desejo do ouro mas também a salvação de Jerusalém. Em seu outro artigo já citado o senhor conclui que "É característico do discurso de Colombo reunir ações, atitudes ou percepções que parecem eticamente incompatíveis, tomando... tudo com uma mão, e dando tudo com a outra."<sup>19</sup> Ora, parece-me que esta união, a nível de discurso, de polos aparentemente antagônicos não representa uma artimanha do próprio discurso, uma transmutação e sim a própria realidade do período, notadamente das formações ibéricas cristãs onde a sociedade rigidamente estamental e cristã começa a ser tensionada pela mercantilização. Assim, honra, fé, prestígio e cobiça são elementos de um mesmo discurso pois são também elementos de uma mesma realidade, de um mesmo projeto: o projeto hierárquico-estamental-cristão<sup>20</sup> onde o outro tem que ser ou submetido – é o caso do indígena na América Latina e também no Brasil<sup>21</sup> – ou expulso, como o senhor aponta no caso da queda de Granada e da expulsão dos judeus da Espanha, acontecimentos ocorridos no mesmo ano da viagem de Colombo – 1492. Daí em Colombo ser nítida a união entre ouro e cristandade, a busca de vantagens pessoais e para os seus soberanos; a salvação pessoal e nacional, o triunfo da cristandade através da salvação de Jerusalém<sup>22</sup>. Esta união representaria o que o senhor denomina de imperialismo cristão cuja tarefa retórica seria a de "juntar conversão de bens e conversão espiritual"?<sup>23</sup>

É neste contexto também que devemos entender a reversão dos significados em Colombo onde o salvamento transmuta-se em salvação e a tragédia (o naufrágio) passa a ser vista enquanto triunfo – os índios inocentes

---

19 GREENBLATT Stephen . "Columbus runs aground: Christmas eve, 1492", *op. cit.*, p. 10: "Maravilhosas possessões", *op.cit.*, p. 50.

20 Veja-se Luiz Koshiha, *A Honra e a Cobiça*, tese de doutoramento, exemplar mimeografado, SP, FFLCH/USP, 1988, cap. II.

21 Não importa que os desígnios dos jesuítas, colonos e Metrópole fossem diferenciados em relação ao indígena, importa que seu móvel final era o mesmo: a submissão do gentio da terra.

22 GREENBLATT Stephen, "Columbus runs aground: Christmas Eve, *op. cit.*, p. 27

23 GREENBLATT, Stephen, "Maravilhosas possessões", *op. cit.*, p. 51.

seriam salvos de seus opressores mas a grande graça seria realmente a descoberta do ouro?<sup>24</sup>

Finalmente, em relação à temática do maravilhoso, ponto central de seu artigo na revista Estudos Históricos: como entender este conceito? Como se transita do assombro, do "heart-stopping" para o conhecimento do outro e para a própria conquista?

Estou utilizando o termo conquista não de maneira impune, o que me leva à última questão que gostaria de formular. Atualmente, no bojo do quinto centenário dos descobrimentos há toda uma discussão onde se sugere, e às vezes se impõe o termo "Encontro de Civilizações" ao invés de Conquista, ou mesmo de Descobrimentos. Garry Wills ironiza este debate ao afirmar: "Os nativos não tiveram que encontrar a América. Eles nunca a perderam – até que os alienígenas reivindicaram tê-la encontrado"<sup>25</sup>. É a mesma aceção que hoje norteia as atitudes "politicamente corretas", onde os índios são denominados de americanos nativos e os negros de afro-americanos. Não lhe parece que esta substituição de termos, eu diria de conceitos, não traz em si uma exorcização do passado, tarefa que atenuaria o próprio prolongamento dialético com ele?

---

24 GREENBLATT, Stephen, "Columbus runs aground: Christmas Eve, 1492, op. cit., p. 22,25-26.

25 WILL, Garry, "Man of the year", op. cit, p. 15.